

NOTA DE APRESENTAÇÃO

É com certa satisfação pessoal e institucional — esta enquanto membro da equipa inter-universitária que se tem empenhado na investigação em domínios da Cultura Portuguesa, nomeadamente da História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso — que escrevemos, pela terceira vez, esta *Nota de Apresentação*. E compreender-se-á melhor este nosso sentimento, situando-o nas suas justas medidas, se atendermos que aqui o número, mais que quantidade, pretende acentuar a regularidade... Nestas coisas de investigação e de apresentação de resultados, a cadência regular deve poder traduzir-se em vida... E de nada vale ignorar os vivos... Por isso, as bibliografias, mesmo as que se pretendem historiográficas, não servem nem de “prova de vida” nem de certidão de cotação na bolsa de valores académicos... No campo bibliográfico, os esquecimentos, porque, em geral incoerentes com os critérios que se declara regerem a compilação, são, pura e simplesmente, erros. E, normalmente, de perspectiva.

Nesta terceira reunião voltámos a insistir numa organização de tipo seminário, modelo que funcionou satisfatoriamente em *Espiritualidade e Corte em Portugal*, e permitiu, uma vez mais, enriquecer, com a liberdade de tempo de expor, de ouvir e questionar, o colóquio. E de o tornar mais verdadeiro. Os “Últimos fins” ou os “Novíssimos” — Morte, Juízo, Inferno, Paraíso — um tema de sempre, mas que os finais do século XVI e o século XVII propuseram, globalmente ou em cada um dos seus momentos, à meditação (*Meditatio mortis... Os últimos fins do homem*), “gritaram” em sermões e tratados (*Gritos del Infierno... Gritos deli Purgatorio*), desenharam e pintaram de mil modos e com mil artes — de Wicrix a Valdés Leal —, prestava-se, como cremos se prestou, a abordar algumas zonas ainda pouco exploradas, desde este ponto de vista, da sensibilidade religiosa “moderna” na Península Ibérica, nomeadamente alguns dos sentidos da sua obsessão pela “limpeza” de sangue. E, talvez, com melhores resultados do que os comentários ao *Apocalipse* que tínhamos inicialmente previsto, como aca-

bam de nos convencer as actas de *Storia e Figure dell'Apocalisse fra' 500 e '600* (a cura di R. Rusconi, Roma, 1996).

Compreende-se facilmente que, apesar da absoluta inevitabilidade do restrito da abordagem de um tal tema num colóquio do tipo do que elegemos, as diversas perspectivas tenham permitido verificar, pelo convívio e pela convivência, as solidariedades — que são sempre complementaridades — dos historiadores *tout court* com historiadores da Arte e da Literatura. Por isso, sempre lastimaremos não ter sido possível ao Doutor Agostinho Araújo, Professor da Faculdade de Letras do Porto, preparar o texto definitivo da sua intervenção, já que, além do mais, foi a grande abordagem artística das “liturgias” funerais no século XVIII português.

De todos os modos, não podemos deixar de agradecer em nome do Instituto de Cultura Portuguesa e do Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade a todos os que generosamente aceitaram intervir no colóquio, sem esquecer amigos e Mestrandos que quiseram estar presentes. E neste momento de agradecimentos, cumpre manifestarmos a nossa gratidão ao Conselho Directivo da Faculdade de Letras do Porto, na pessoa do então seu Presidente, Prof. Doutor António Pedrosa, pelo apoio financeiro que nos concedeu e ao Conselho Científico da mesma Faculdade, na pessoa do então seu Presidente, Prof. Doutor Eduardo Abranches Soveral, por ter dado o seu aval científico à organização da reunião. Naturalmente, e de uma forma especial, queremos ainda agradecer à Câmara Municipal de Castelo de Paiva, e muito especialmente ao seu Presidente, Prof. Joaquim Quintas, a generosidade com que apoiaram turística e culturalmente a parte social do Colóquio. O nosso “muito obrigado” também para o Senhor Luís Carvalho, Chefe de Serviço na mesma Câmara, pela extrema amabilidade com que preparou itinerários e apoios.

Evidentemente, sem a eficaz intervenção do Prof. Doutor Jorge Osório, responsável pela Série de Línguas e Literaturas da *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, em cujos os Anexos são publicadas estas actas, esta obra e as suas personagens estariam ainda à procura de editor... E isto, nos dias que correm, porque não se pode agradecer, deita-se no “deve e haver” — no que devemos, naturalmente — da Amizade.

Porto, 14 de Março de 1997

José Adriano de Freitas Carvalho